

JOMO FORTUNATO



“O carnaval da época colonial obedeceu aos ditames daquela época”

Jomo Fortunato nasceu a 28 de março de 1961. Possui um mestrado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Aveiro. Já ocupou o cargo de Ministro da Cultura, Turismo e Ambiente, reconhecido como um importante investigador e historiador da música popular de Angola. É também organizador da Feira do Livro e do Disco de Luanda e cronista semanal no Jornal de Angola. Jomo Fortunato é ainda autor do programa Vozes do Semba na Televisão Pública de Angola.

JF: Sabemos que, ao longo da história, a arte dialoga com os vários momentos da história de Angola. Temos uma arte pré-colonial, colonial e pós-colonial. O carnaval é uma das manifestações culturais que possui uma componente europeia, mas que reutiliza a cultura endógena angolana e as nossas danças. Trata-se de uma das expressões mais importantes, pois agrega várias formas de arte, como as artes plásticas, a dança, a música e envolve vários grupos de carnaval que criam o que chamamos de "artesanato", ou seja, os artífices responsáveis pela construção dos artefatos do carnaval. Isso é muito importante.

É óbvio que o carnaval da época colonial obedeceu aos ditames da época colonial, tal como o carnaval da Victória obedeceu aos ditames da época pós-independência. Este carnaval foi mudando, sofrendo várias metamorfoses ao longo da história com base, nos ditames políticos e sociais da época. Obviamente que se recordarmos, a temática dos grupos de carnaval, o enredo e etc., dialoga com os momentos políticos da época.

No entanto, o carnaval foi sofrendo e perdeu muitas características. Nós tínhamos um carnaval na época colonial com determinadas figuras que foram desaparecendo, mas que depois foram retomadas, temos a Kazukuta do Kabocomeu, uma arte de suma importância que deve merecer um estudo profundo. A dança dos Operários do Kabocomeu com o guarda-chuva é superinteressante. Até porque o próprio carnaval vai fazer parte de um conjunto de momentos artísticos da pré-história da música popular angolana, ou seja, se quisermos abordar seriamente a questão das origens do Semba tal como o conhecemos agora, tem uma pré-história do qual faz parte o carnaval, a Kazukuta, a Masemba e o Kaduke. Portanto, um conjunto de eventos e de ocorrências anteriores à consolidação do próprio Semba. Neste processo, nós vamos incluir o carnaval, até porque o mesmo está presente na música popular. Há um contágio entre o Semba e o carnaval, ou seja, o Semba ocorre quase que numa boa parte dos grupos de carnaval.

Estes grupos de carnaval têm origem familiar. Nós vamos encontrar nos grupos de carnaval, o pai, a mãe, o filho que já vem dos avós e outros momentos genealógicos, ou seja, é bom que se pense o carnaval e os grupos e de carnaval, porque eu não gosto muito do termo "grupos carnavalescos", dando uma ideia menor destas manifestações artísticas, são extremamente importantes para a compreensão inclusive do confronto entre os bairros.

A designação toponímica está presente nos grupos de carnaval: Kazukutas do Sambizanga, União Mundo da Ilha, etc. O lugar é também uma própria referência do carnaval, porque é a partir desta referência que ocorre um fenómeno que é de suma importância que, também vem desaparecendo e que era extremamente rigorosa na época colonial, "a competição entre os grupos".

São grupos de carnaval em competição, mas estão em competição os bairros muito característicos no tecido social luandense. Embora existisse a tendência assimilacionista do regime colonial, nós vamos encontrar uma

forte resistência, não só no carnaval, mas como também na música popular angolana. O facto de a expressividade destes grupos estar assente em línguas nacionais já identifica os grupos, e é um dado simbólico de resistência.

O uso do Kimbundu em detrimento da língua portuguesa, o uso das nossas línguas nacionais na arte, na época colonial, denota de forma simbólica uma posição de resistência. Então, vamos encontrar grupos, tanto no carnaval como na música popular angolana, em que a resistência ao regime colonial ocorre através de metáforas que, às vezes, não eram perceptíveis pelo colonialista.

Temos uma arte que resistiu aos ditames da colonização por uma identidade própria, construída e enraizada na ancestralidade que os cinco séculos da colonização não puderam obstruir e destruir. Então, esta identidade é intrínseca aos nossos povos, não numa perspectiva do nacionalismo exagerado, mas numa perspectiva de respeito pelas culturas. Se se fala em absorção e assimilacionismo por parte do regime colonial, ou seja, do homem negro em relação ao homem branco na época da colonização, nós também temos que ver a coisa na perspectiva inversa. Em que medida é que as manifestações culturais do espaço africano que fala português não terá sido assimilada pelas comunidades portuguesas, pelos colonos na altura? Nós temos situações em que o próprio colono saía da baixa para o Musseque, para a vibração do musseque. Temos portugueses no Maxinde e em vários locais do musseque onde há areia em oposição ao asfalto. Portanto, "seque" é "a areia" em oposição à zona asfaltada. Estamos a lembrar dos limites dos Combatentes onde começava depois os musseques, uma forte efervescência dos musseques e a sua cultura que depois eram absorvidas e vividas pela própria colonização portuguesa. Nós temos até compositores portugueses que também cantaram temas em Kimbundu. Então é um processo de troca, a colonização proporcionou momentos de troca.

Há um aspecto que, para mim, é muito importante realçar no que diz respeito à reciprocidade, ou seja, o diálogo existente entre o universo cultural da música popular angolana e da cultura na sua generalidade e a cultura portuguesa. Para além de os portugueses terem introduzido os instrumentos musicais ocidentais na música angolana, temos um dado simbólico muito importante que é a Concertina na Masemba e nós vamos ter esse diálogo em duas direções. A Sara Chaves, por exemplo, interpretou o Kurikutê, uma canção do António Pascoal Fortunato "Tonito". Este é um dos exemplos com os quais nós podemos tirar de portugueses- a interpretarem canções angolanas dos clássicos M`biri M`biri, Muxima e etc. Portanto, é redutora essa visão de que a colonização portuguesa impôs a dita cultural assimilacionista. Não!

A cultura angolana também teve forte influência na cultura portuguesa, um aspeto que também deve ser realçado. Porque às vezes dá-nos a ideia de que a cultura angolana é menor e era subjugada pela imposição da

cultura portuguesa e isto tem que ser bem refletido. Aliás, não é só na cultura, na própria linguística portuguesa com as influências das línguas nacionais. Há estudos já elaborados sobre esta matéria.

Portanto, nós só devemos continuar com o intercâmbio cultural e o respeito pelas culturas e não nos mergulhando, reitero, no chauvinismo, no nacionalismo exagerado. Temos que equilibrar as coisas por formas que haja então esta solidariedade, reciprocidade e o multiculturalismo.

Ano de 2023

Entrevistador: Eugénio Coelho

